

Terra-Mãe

Patrícia Eloy | [instagram.com/patricia_loy_almeida](https://www.instagram.com/patricia_loy_almeida)

37 desenhos, 2014-19

Carlos César Pacheco | www.carloscesarpacheco.com

39 poemas, 1992-94, 2009

Organização: Jorge Almeida

Capa e arranjo gráfico: DeCésar

Paginação e notas finais: Ezequiel Nunes

Revisão do texto: Lúcia Bessa, Carla Baptista Alves

Agosto Editores

1ª edição: Novembro de 2022 (capa mole – cor, versão preto e branco; versão electrónica)

Dezembro de 2022 (capa dura, cor)

Depósito Legal: 508811/22

ISBN: 978-940-368-292-1

© copyleft

LICENÇA DE ARTE PÚBLICA

carloscesarpacheco.com/grua/lap/

Patrícia Eloy

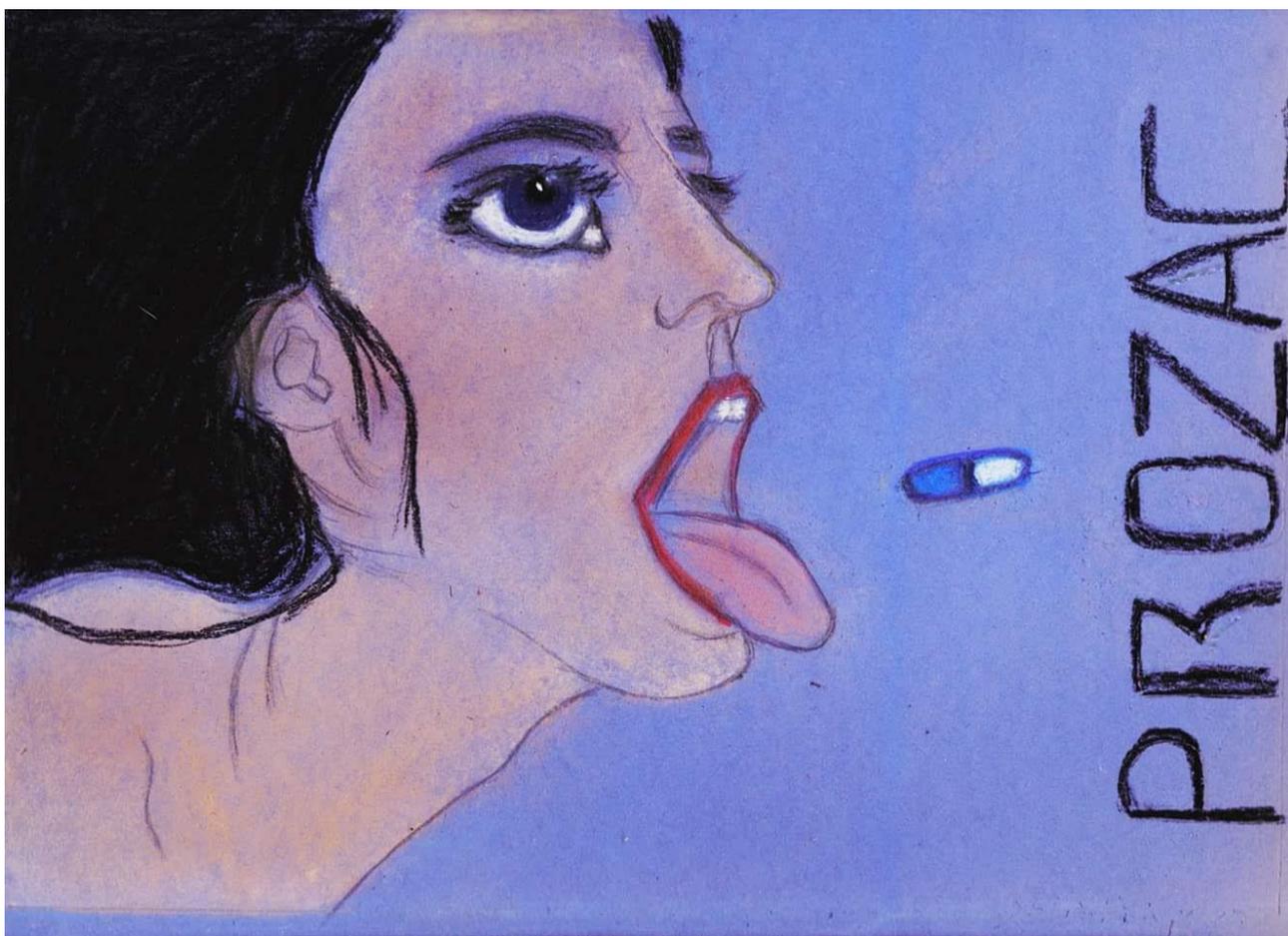
Terra-Mãe

Carlos César Pacheco



2022

ardem pelo lado de dentro



Sabes guardar um segredo, perguntou a velha, visivelmente ansiosa. Outros olhos, mas não os dela, notariam o tédio na resposta mole que ele atirou. Com crescente ânimo, começou a falar-lhe dos seus tempos de juventude, onde jurara não conceber. Discorreu durante minutos, sempre distante, como se falasse de longe, ou nunca tivesse sido mais do que uma miragem; enquanto ele, aqui e ali, empenhando-se em segurar a cabeça tonta de sono, apanhava uma ou outra palavra, vagamente consciente da impossibilidade de recontextualizá-las, da facilidade com que ela poderia aperceber-se e da fatalidade a que isso conduziria.

A velha acabou por calar-se, e silêncios depois, pediu-lhe um copo de leite. Como um balde de água fria; aparentou resolução de movimento; abandonou a mão dela sobre a mesa; e distanciou-se na direcção da cozinha, sem deixar de exhibir uma carantonha pensativa, como se reflectisse nas palavras que não haviam chegado sequer a ecoar dentro dele, mas tão atrapalhado, que ia tropeçando no banco, algures no escuro esbranquiçado da cozinha.

Enquanto abria a porta do armário, pegava na chávena, retirava o leite do frigorífico, voltava a fechá-lo, pegava numa colher e procurava o açúcar, começou lentamente a formar-se no seu espírito o discurso da velha, como se adormecida, uma parte de si, tudo tivesse escutado e estivesse agora, como quem acorda lentamente numa manhã quente, a contar-lhe tudo.

No mesmo tempo que uma sensação desconfortante o invadia; o tom grave do discurso monocórdico e o significado roxo, de contornos cada vez menos flácidos; a tudo isso; foi arrancado pelo ranger soturno da cancela a abrir-se. Voltou à sala. A velha estava morta, com a mão pousada sobre a mesa.



o meu estômago

Esta manhã acordei com uma forte curiosidade acerca do meu estômago; assim, deitado e segurando um espelho com a mão direita entreti-me a observá-lo; claro que tinha os pés lavados.

Bebi um bocadinho de coca-cola e queimei a ponta de um dos dedos da mão esquerda quando tentava vê-la a fervilhar, misturando-se com ácido – embora só me tivesse apercebido mais tarde, quando alargava a corda apertada em torno do meu pescoço.